

Tradução intersemiótica ação do signo e estruturalismo hierárquico

João Queiroz¹
Daniella Aguiar²

Resumo: Tradução intersemiótica é um fenômeno de multimodalidade semiótica envolvido em processos fundamentais de comunicação multimodal, de ostensão verbal, abrangendo diversos fenômenos de intersemiose e incluindo fenômenos visuais, hápticos e sonoros. Para fornecer um *framework* às questões sobre tradução intersemiótica, propomos um modelo a partir da noção de *semiose* (ação do signo) de Charles S. Peirce e do estruturalismo hierárquico de Stanley Salthe.

Palavras-chave: tradução intersemiótica; Charles Sanders Peirce; estruturalismo hierárquico

Abstract: Intersemiotic translation is a semiotic multimodality phenomenon. It is involved in fundamental processes of multimodal communication, verbal ostension, and it covers several phenomena of intersemiosis, including visual, haptic, and sound phenomena. In order to develop a theoretical framework regarding questions concerning intersemiotic translation, we propose an explanatory model based on Charles S. Peirce's notion of semiosis (action of sign) and Stanley Salthe's hierarchical structuralism.

Keywords: intersemiotic translation; Charles Sanders Peirce; hierarchical structuralism.

1. Introdução

Qual a importância dos fenômenos de tradução intersemiótica? São fenômenos de multimodalidade semiótica. Eles estão envolvidos em processos fundamentais de comunicação multimodal e de ostensão verbal, e abrangem diversos fenômenos de intersemiose, incluindo fenômenos visuais, hápticos, e sonoros. Roman Jakobson (1959) definiu *tradução intersemiótica* como *transmutação* de signos, do sistema verbal para outro sistema, de diferente

¹ Professor do Instituto de Artes e Design (IAD) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). Editor do International Journal of Signs and Semiotic Systems (an official publication of the Information Resources Management Association) [www.igi-global.com/ijsss].

² Doutoranda em Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). [<http://daniellaguiar.wordpress.com/>]

natureza. Mas como definir com precisão esta operação (transmutação)? Pode-se perguntar: qual a natureza e variedade fundamental das traduções intersemióticas? Elaboramos aqui um modelo de tradução intersemiótica relacionado à noção peirceana de semiose, e uma descrição do fenômeno de acordo com “hierarquias descritivas”.

Deve-se destacar que não se encontram muitas descrições meticolosas do fenômeno capazes de distingui-lo de outras práticas como, por exemplo, “intersemiose” e “intertextualidade”. Além disso, e mais gravemente, não existem tipologias ou classificações que orientem a distinção entre diversas modalidades: “adaptação”, “baseado em”, “inspirado por”, “orientado por” etc. Se não há generalização de leis sobre o fenômeno, não há forma de comparação com casos descritos em linguística teórica, semiótica geral ou semióticas aplicadas (cinema, teatro, música, arquitetura). Deve-se acrescentar que o tópico ainda fornece um pequeno número de publicações acadêmicas àqueles interessados no assunto. No Brasil, o único livro inteiramente dedicado ao tema continua sendo o de Julio Plaza (1987), *Tradução Intersemiótica*. Júlio Bressane (1996) publicou um livro bastante ensaístico, *Alguns*, que também merece referência. Há também um importante texto de Claus Clüver (2006), *Transposição Intersemiótica*, em português, que trata do assunto pela perspectiva dos “Estudos Interartes”. Além disso, há o número especial da revista *Versus*, editado por Dusi & Nergaard (2000), e mais recentemente da revista *Applied Semiotics*, editado por Aguiar & Queiroz (2010).

2. Modelo de tradução intersemiótica

Estabelecemos algumas premissas iniciais: (i) uma tradução intersemiótica é, primordialmente, uma operação semiótica, i.e., é uma operação com signos (ver Hodgson, 2007; Gorlée, 2005, 1994: 10; Petrilli, 2003; Stecconi, 1999; Plaza, 1987); (ii) processos semióticos são processos multi-estruturados (Queiroz & El-Hani, 2006). Isso evidentemente não significa dizer que uma tradução não seja também um fenômeno cultural, de transculturação, uma vez que é sempre datada e situada (Torop, 2002, 2007, 2010; Eco, 2007: 34, Clüver, 2006). Também não significa dizer que não é um fenômeno cognitivo, uma vez que requisita do tradutor diversas e complexas atividades cognitivas (Steiner, 2000; Hansen, 2003). Há outro importante pressuposto, relacionado ao que chamamos de “nível de descrição”: se processos semióticos são multi-estruturados (*multi-level systems*), como defendemos em outros trabalhos (ver Queiroz & El-Hani, 2006), uma tradução é um tipo de relação (semiótica e icônica) entre processos multi-estruturados.

2.1 Semiose, ou “ação do signo”

Para Peirce³, a semiose, ou “ação do signo”, consiste em uma relação entre três termos irredutivelmente conectados (Signo-Objeto-Interpretante), que são seus elementos constitutivos (CP 5.484, MS 318:81, EP 2:171).

³ A obra de Peirce será citada como CP (seguido pelo número do volume e parágrafo), *The Collected Papers of Charles S. Peirce*, Peirce 1866-1913; EP (seguido pelo número

Um signo é qualquer coisa que determina que alguma outra coisa (seu interpretante) se refira a um objeto ao qual ele próprio se refere (seu objeto) do mesmo modo, o interpretante tornando-se, por sua vez, um signo, e assim *ad infinitum* (CP 2.303; ver tb. CP 2.242, 2.274).

Peirce (ver De Tienne, 2003) também define um Signo como um meio para a comunicação de uma *forma* (figura 1), ou para transferência de um *hábito* incorporado no Objeto para um intérprete, de tal modo a restringir seu comportamento:

(...) um Signo pode ser definido como um Meio para a comunicação de uma Forma. Como um meio, o Signo está essencialmente em uma relação triádica, para o seu Objeto que o determina, e para o seu Interpretante que ele determina. (...) Aquilo que é comunicado do Objeto através do Signo para o Interpretante é uma Forma; o que significa dizer, não é nada como um existente, mas é um poder, é o fato de que alguma coisa aconteceria sob certas condições (EP 2.544, n.22).

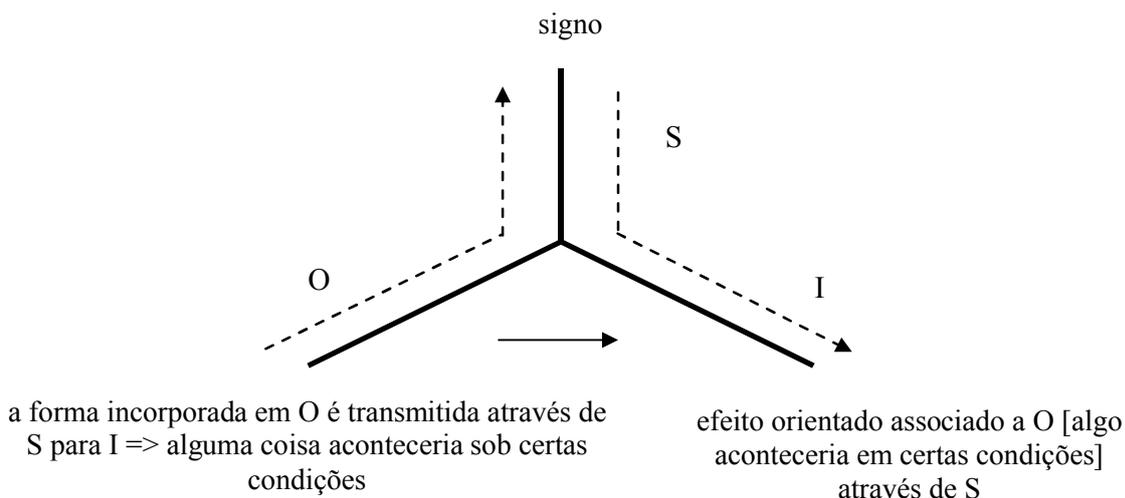


Figura 1: Semiose como transmissão de uma forma do objeto para o interpretante através da mediação do signo.

Segundo De Tienne (2003), Peirce é enfático ao assinalar que *forma* não é nada como uma coisa. É algo que está incorporado no Objeto (EP 2.544, n. 22) como um hábito, uma “regra de ação” (CP 5.397, CP 2.643), uma “disposição” (CP 5.495, CP 2.170), um “potencial real” (EP 2.388) ou, simplesmente, a “permanência de alguma relação” (CP 1.415). É importante observar que a *forma* comunicada do Objeto para o Interpretante através do Signo não é a *forma* (*shape*) particular do Objeto, mas uma regularidade, um hábito, que permite ao sistema semiótico interpretá-la como uma “classe de entidades”, de processos ou fenômenos, para responder apropriadamente.

do volume e página), *The Essential Peirce*, Peirce 1893-1913; MS (seguido pelo número do manuscrito), *Annotated Catalogue of the Papers Of Charles S. Peirce*.

2.1.2 Breve apresentação do modelo hierárquico de Stanley Salthe

A perspectiva hierárquica introduzida se baseia em uma transposição do esquema conceitual do filósofo de “sistemas complexos” Stanley Salthe (1985). Este esquema foi primariamente desenvolvido para tratar “emergência” em sistemas hierárquicos (*multi-level systems*). Em outra oportunidade descrevemos “processos semióticos” como processos hierarquicamente estruturados em diversos níveis de organização, e/ou descrição (Queiroz & El-Hani, 2006, 2004; Gomes, Gudwin & Queiroz, 2003). Vamos apresentar, rapidamente, este modelo, para extrair dele as consequências mais relevantes no domínio das traduções intersemióticas.

2.1.2.1 Modelo hierárquico de Salthe

Nossa transposição deste esquema conceitual baseia-se na idéia de que um fenômeno complexo pode ser descrito como uma hierarquia de níveis. O que chamamos aqui de nível de descrição é um “artefato conceitual” com certo poder heurístico de descrição. Não significa que os níveis estejam claramente distribuídos em termos hierárquicos na obra traduzida ou na tradutora. Também não significa que atuam independentemente. Mas em termos descritivos, e funcionais, possuem certa autonomia, e estão coordenados em termos de constrição (*constraints*) e dependência. A figura 2 sumariza graficamente diversas sugestões de Jakobson (ver 1969), sobre níveis relevantes funcionais ou de descrição, em poesia.

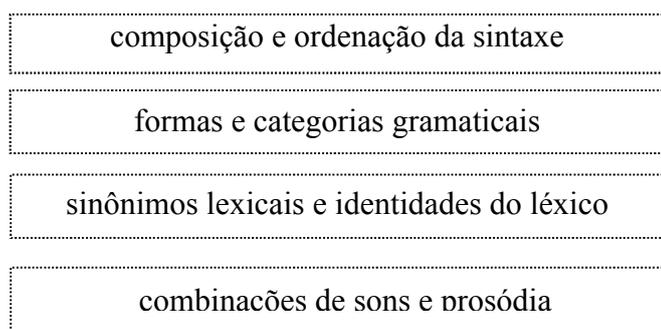


Figura 2: Este diagrama representa diversos níveis de descrição.

Esta propriedade de multi-hierarquia descritiva é operativa em diversos processos e sistemas de linguagem. Temos, em outros trabalhos (e.g. Aguiar & Queiroz 2009), exercido a aplicação deste modelo em fenômenos de dança. Embora possamos, quando tratamos de fenômenos de dança, descrever “organização cênica” sem nos referirmos a “dinâmica de movimentação”, sabemos que são níveis fortemente inter-dependentes. O gráfico abaixo (figura 3) diagrama possíveis níveis de descrição, que tomam como referência aspectos usualmente utilizados para explicar uma obra de dança, e a análise do movimento de Laban (1979), *frame* usado por diversas comunidades de pesquisa. As setas indicam hipotéticas constrições, ou relações de dependências,

entre os níveis, e devem ser observadas aqui como um esquema de relações hipotéticas, sujeito a escrutínio local, em casos de aplicação.

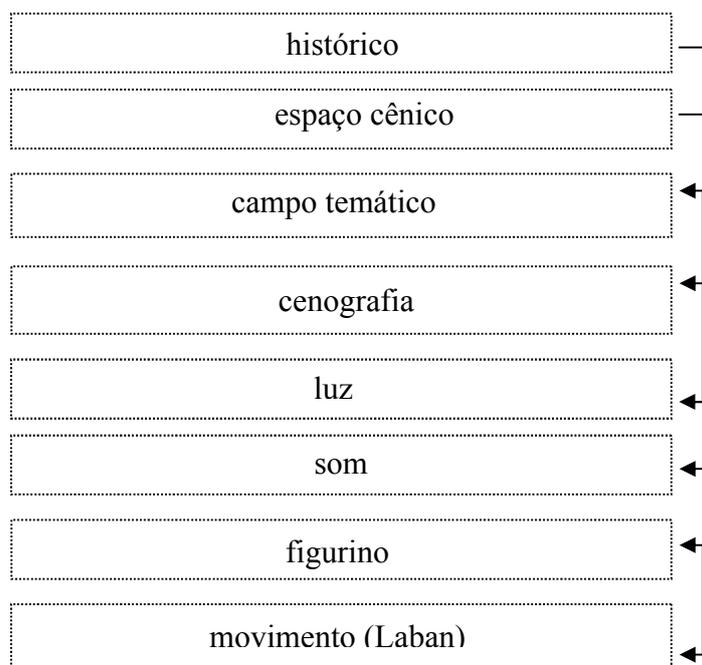


Figura 3: O diagrama representa possíveis relações de constrição, ou de dependência, que atuam entre diversos níveis de descrição. Aqui, eles e as setas estão hipoteticamente distribuídos de acordo com supostos níveis descritivos.

Conforme a abordagem que defendemos, uma tradução opera em diferentes “níveis de descrição”, selecionando aspectos que podemos chamar de “relevantes” do signo traduzido. (Esta suposição é enfatizada, em termos teóricos, por muitos autores [ver Eco 2007: 59].) Assim, certos níveis de descrição – por exemplo, quando linguístico: rítmico, prosódico, sintático, pragmático, ambientação psicológica, histórico, etc. – têm suas propriedades relevantes selecionadas, e traduzidas, ou transcriadas, como prefere Haroldo de Campos (1997), por meio de novos materiais, por exemplo, em qualidade e dinâmica de movimentação, organização espacial, iluminação, figurino, cenografia, etc.

Uma importante questão metodológica é que, em casos de tradução intersemiótica, não se estabelece facilmente uma “relação de mapeamento” entre níveis de descrição de diferentes sistemas (por exemplo, poesia > dança) (ver Figura 4). Torna-se, portanto, um problema identificar o par “fonte-alvo”, ou traduzido-tradutor. Se uma tradução, digamos, de uma obra literária resulta em uma recriação com materiais e estruturas muito diferentes, como comparar “fonte e alvo semióticos”? (Esta parece não ser uma dificuldade característica dos casos de tradução inter-linguística, porque há uma “correspondência” aproximada entre níveis de descrição – fonético-fonético, sintático-sintático, semântico-semântico).

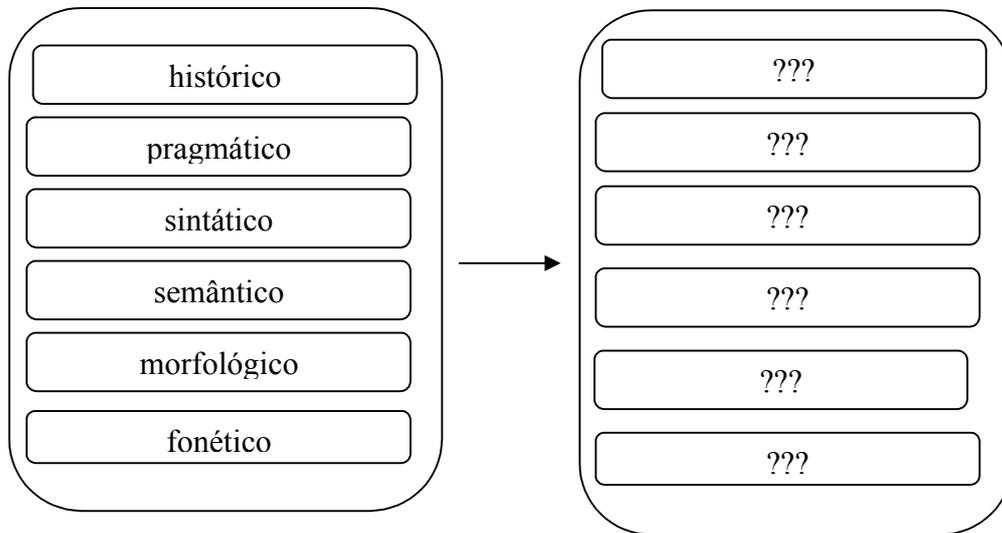
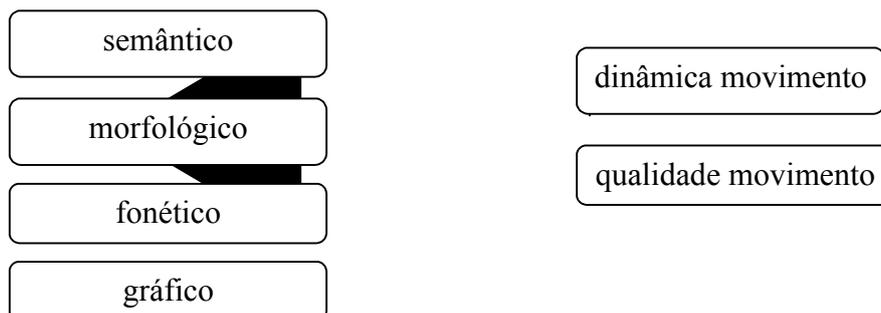
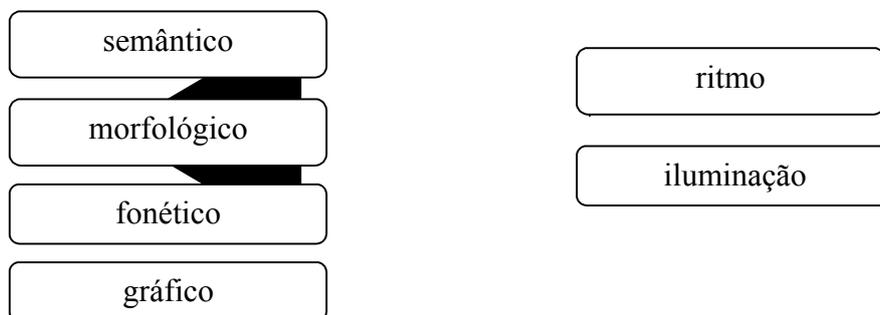


Figura 4: Relação entre dois sistemas cujos níveis de descrição não possuem correspondência direta.

O diagrama abaixo (Figura 5) sugere uma suposta relação entre distintos níveis de descrição, entre dois sistemas semióticos distintos (e.g. literatura → dança).

É possível que uma descrição adequada de relações entre sistemas distintos deva basear-se em uma análise que observe caso-a-caso. De qualquer modo, a possibilidade de mapeamento entre diferentes níveis deve ser prevista, em termos metodológicos. Isto nos conduz a esquemas como estes (Figuras 5 e 6):





Figuras 5 e 6: Possibilidades de correspondência entre diferentes níveis de descrição.

2.1.2.2 Modelo triádico de tradução

Outra importante consequência relacionada a nossos pressupostos, e já assinalada acima, indica que uma tradução é uma relação triádica, não uma relação diádica ou bilateral. Isto é, uma tradução não é uma relação entre tradutor e traduzido, mas uma relação triádica – signo, objeto e intérprete-dependente. Para Eco (2007: 17), atento ao fato de que em traduções lidamos com níveis distintos de descrição, em um tipo de relação que deve incluir o intérprete,

Traduzir quer dizer entender o sistema interno de uma língua, a estrutura de um texto dado nessa língua e construir um duplo do sistema textual que, submetido a uma certa descrição, possa produzir efeitos análogos no leitor, tanto no plano semântico e sintático, quanto no plano estilístico, métrico, fono-simbólico, e quanto aos efeitos passionais para os quais tendia o texto fonte.

Seguindo a sugestão de Eco, podemos afirmar que uma tradução intersemiótica produz um “efeito análogo” no intérprete, por meio de um sistema de distinta natureza. Um pouco mais formalmente, um signo traduzido produz, em um intérprete, por meio de um signo de diferente natureza, um “efeito análogo” àquele que produziria por meio de um signo de mesma natureza.

Pode-se explorar este esquema de relações, baseado no modelo de Peirce⁴, de acordo com ao menos duas possibilidades analíticas:

⁴ A aplicação do modelo triádico Peirceano de semiose às relações traduzido-intérprete-tradutor foi inicialmente proposta por Steconni (1999), e mais recentemente desenvolvida por Hodgson (2007). Gorrée (1994, 2007), Damiani (2008) e Jeha (1997) estão entre os autores que consideram adequado o modelo Peirceano de semiose aos estudos de tradução, em geral.

1. O signo é a fonte-semiótica (obra traduzida). O objeto do signo traduzido é o objeto da obra traduzida e o interpretante (efeito produzido) é o signo tradutor (alvo-semiótico). Neste caso, o objeto da obra traduzida atua, através dela, indiretamente sobre o alvo-semiótico (Figura 7).

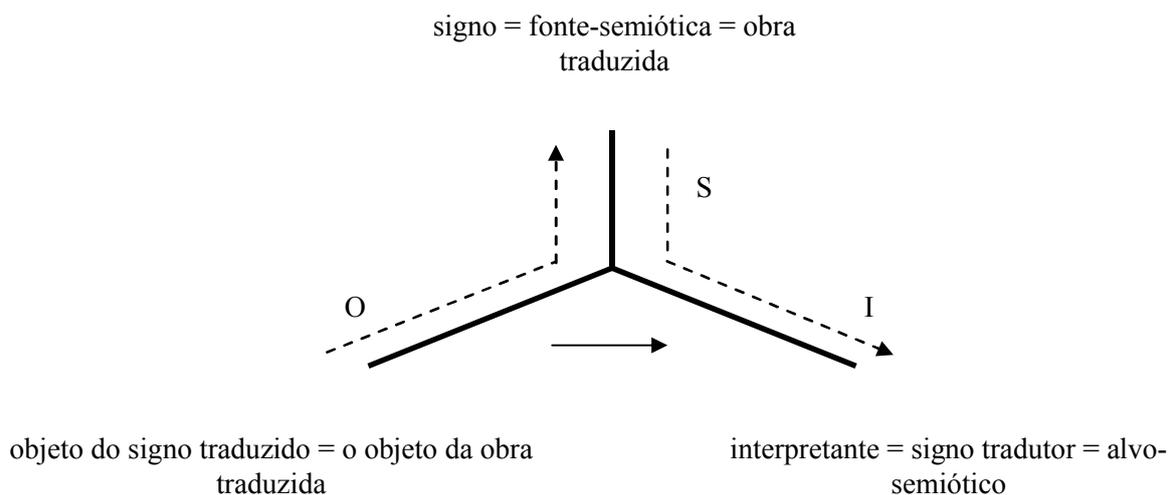


Figura 7: Relação triádica em que o signo é a obra traduzida, o objeto do signo é o objeto da obra, e o interpretante é o signo tradutor.

2. O signo é o alvo-semiótico. O objeto do signo é a obra traduzida e o interpretante é o efeito produzido no intérprete. Esta versão inclui o efeito sobre o leitor, que é o intérprete (Figura 8).

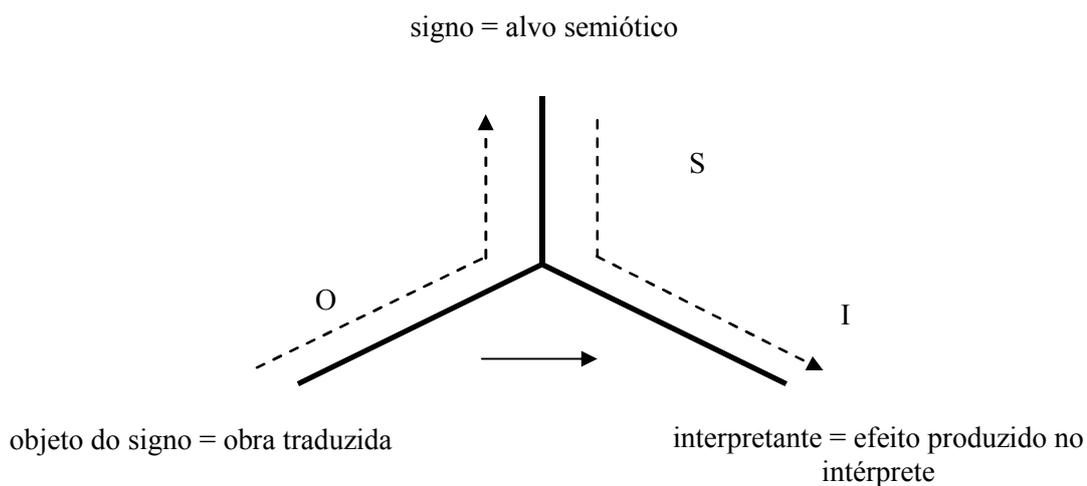


Figura 8: Relação triádica em que o signo é o alvo, o objeto do signo é a obra traduzida, e o interpretante é o intérprete.

Conforme o esquema exibido graficamente acima, a “forma” comunicada do objeto para o efeito produzido por meio do signo (interpretante) é distinta em cada uma das versões. Como tais diferenças podem ajudar-nos? Podemos especular sobre como as alternativas (analíticas) fornecem os melhores *insights* sobre o fenômeno examinado. Eco (ibid.) parece mais afinado com uma versão que inclui o intérprete, em quem a atuação do alvo-semiótico é um “análogo” da obra traduzida.

Resta-nos incorporar o esquema de relações hierárquicas à tríade (Figura 9), o que nos forneceria um modelo gráfico assim:

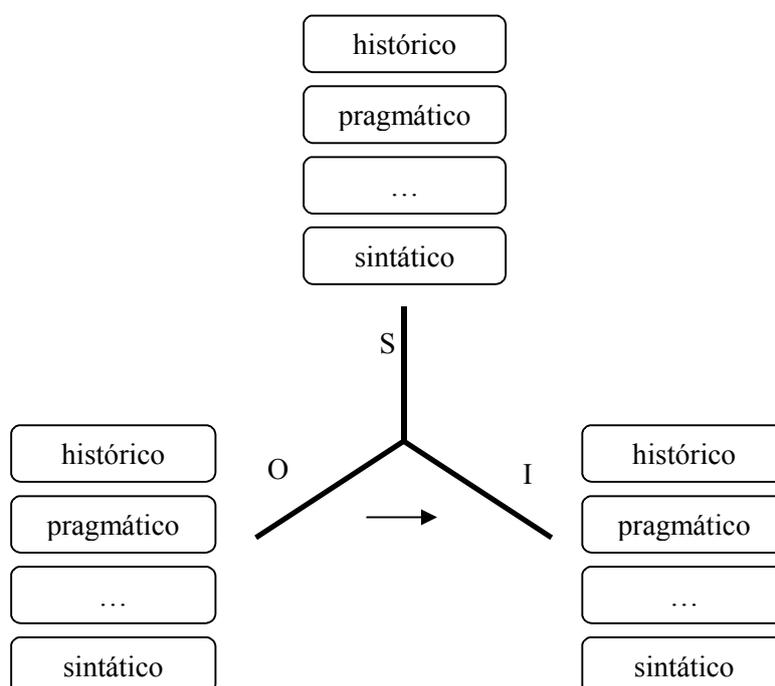


Figura 9: Relação triádica entre sistemas hierárquicos ou multi-estruturados

Conforme esta versão, uma relação de tradução entre entidades ou processos multi-estruturados é estabelecida em termos triádicos. Segundo este esquema, em que o interpretante é determinado pelo objeto, por meio do signo, e que corresponde mais propriamente à primeira versão analítica, em que o interpretante é a obra traduzida, examinamos relações entre entidades ou processos multi-hierárquicos. A obra traduzida (I) é o efeito produzido pelo objeto (O) do signo (S). É importante destacar, como já o fizemos, que o signo refere-se ao objeto, não com relação a qualquer aspecto dele, mas àqueles selecionados pelo signo.

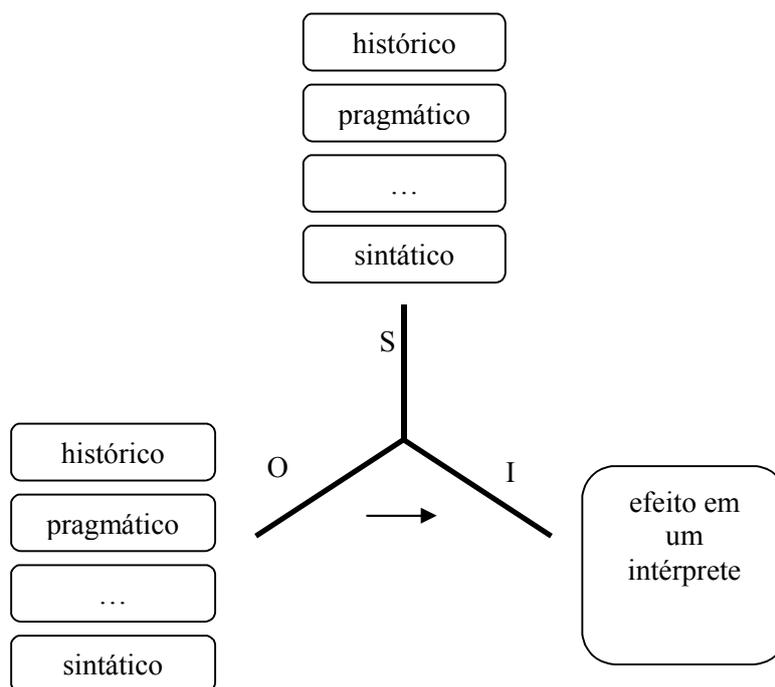


Figura 10: Relação triádica entre sistemas hierárquicos ou multi-estruturados em que o interpretante é o intérprete

Supondo tratar-se de uma sugestão correta aquela feita por Eco (acima), de que a tradução produz no intérprete um *efeito análogo* (Figura 10) àquele produzido pela fonte-semiótica, deve-se concluir, ainda baseado na teoria do signo de Peirce, que o signo tradutor deve ser um ícone (signo de analogia e similaridade) do signo traduzido (Figura 11).

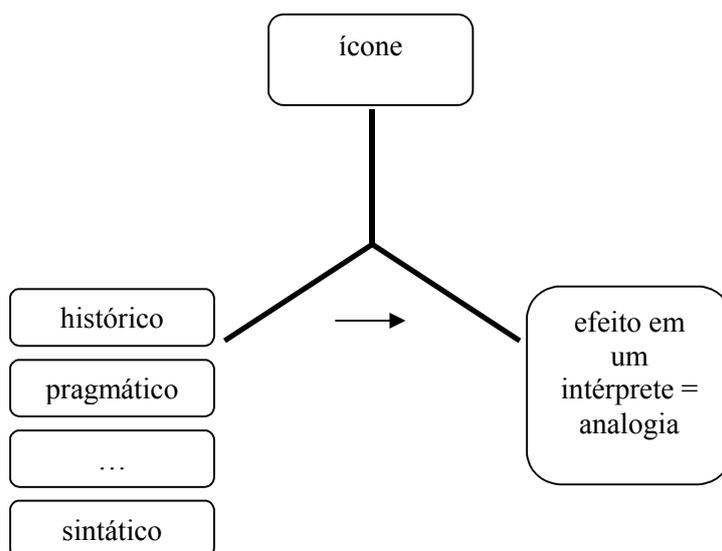


Figura 11: Relação triádica em que o efeito sobre o intérprete é uma inferência analógica, e o signo é um ícone de seu objeto

Devemos, em uma abordagem ulterior, explorar mais cuidadosamente os resultados de uma tipologia que inclui sub-divisões do ícone. Qual a

importância do ícone? O ícone é o único tipo de signo envolvendo uma apresentação direta de qualidades que pertencem a seu objeto (ver Stjernfelt, 2007). As analogias dependem dos ícones. Há, nos ícones, uma concentração nos aspectos de concreção do processo semiótico, na *materialidade* do signo. Sumariamente, o ícone é similar àquilo de que é feito. Ao ser manipulado, o ícone “revela” um, ou muitos, aspectos de seu objeto. De acordo com as classes de hipoícones de Peirce, essa “revelação” depende da matéria de que ele é feito, de sua organização estrutural, e do efeito que produz nos intérpretes (Farias & Queiroz, 2006; Queiroz, 2004). Estas propriedades têm uma relevância especial quando consideramos casos de “recriação” ou “tradução criativa”. Sobre tradução interlinguística criativa, alguns tradutores-ensaístas preferem o termo “recriação”. Haroldo Campos, por exemplo, fez uso de diferentes expressões para designar uma prática criativa de tradução, atenta à “materialidade” do signo traduzido: transcrição (Campos 1972: 109; 1986: 7), transposição criativa (Campos 1972: 110), e reimaginação (Campos 1972: 121), são algumas delas. De acordo com esta prática, poderíamos falar de tradução intersemiótica “crítico-criativa”. E em contraposição a ela, de uma modalidade de “transposição ilustrativa” que provavelmente tende a privilegiar o “deslocamento” de componentes da obra traduzida, enquanto a primeira parece se concentrar na “transformação” dos componentes traduzidos. Nas “transposições ilustrativas” se traduz aquilo a que o signo se “refere”, o objeto do signo. Mas traduções crítico-criativas costumam envolver casos de recriações de “procedimentos formais”, de “estruturas formais”, ou de estratégias de composição identificadas e selecionadas para construção de estruturas formais. Recriar um procedimento equivale a recriar uma estratégia usada por um autor, grupo ou período, para construção de certas estruturas e processos, e podem ser autorais, ou programáticas, quando são identificadas “características” de um período, ou estilo.

3. Conclusão

Pode-se afirmar que a prática de tradução intersemiótica representa um domínio de invenção de novos sistemas e processos de linguagem porque tende a produzir, ao forçar um aprofundamento radical sobre a natureza do signo, diversas formas de desautomatização de hábitos de leitura, manipulação e interpretação de fenômenos semióticos. Além disso, ela envolve uma visão crítico-pragmática de distintos sistemas de linguagem ao propor o uso comparado de signos muito diferentes. Há, entretanto, embora seja notável sua importância, uma pequena quantidade de trabalhos sistematicamente produzidos sobre o fenômeno. Mais do que isso, os poucos trabalhos encontrados são quase sempre descritivos, destituídos de modelos explicativos, e dissociados de resultados produzidos em semiótica e em estudos de tradução (*translation studies*). Os resultados exibidos aqui constituem uma tentativa preliminar de elaboração de modelos, classes e tipologias do fenômeno de tradução intersemiótica.

Referências

- AGUIAR, Daniella & QUEIROZ, João. Towards a model of intersemiotic translation. *The International Journal of the Arts in Society* 4 (4): 203-210. 2009.
- BRESSANE, Júlio. *Alguns*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- CAMPOS, Haroldo. *A Arte no Horizonte do Provável*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- _____. *O Arco Íris Branco*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- CAMPOS, Haroldo. & PAZ, Octavio. *Transblanco*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara: 1986.
- CLÜVER, Claus. Da transposição intersemiótica. In: *Poéticas do Visível: ensaios sobre a escrita e a imagem*. Márcia Arbex (org.). Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras da UFMG, 2006. 107-166.
- DAMIANI, Matteo. La Contribución De La Semiótica A La Traducción Interlingüística. *Tonos Digital*. n. 15 – Junio. 2008. 1-32.
- DE TIENNE, Andre. Learning qua semiosis. *S.E.E.D.* (3): 37-53. 2003.
- DUSI, Nicola & NERGAARD, Siri. (eds.) Sulla traduzione intersemiotica. *Versus* 85/87 (Número monográfico). 2000.
- ECO, Umberto. *Quase a Mesma Coisa*. Rio de Janeiro: Editora Record: 2007.
- FARIAS, Priscila & QUEIROZ, João. Images, diagrams, and metaphors: hypoicons in the context of Peirce's sixty-six fold classification of signs. *Semiotica* 162 (1/4): 287-308. 2006.
- GOMES, Antonio, GUDWIN, Ricardo. & QUEIROZ, João. Towards Meaning Processes in Computers from Peircean Semiotics. *Semiotics, Evolution, Energy, and Development* 3 (2): 69-79. 2003.
- GORLÉE, Dinda. L. *Semiotics and the Problem of Translation, With Special Reference to the Semiotics of Charles S. Peirce*. Amsterdam and Atlanta, Rodopi:1994.
- _____. Singing on the breath of God. In: *Song and Significance: Virtues and Vices of Vocal Translation*. Dinda L. Gorlée (ed.). Amsterdam and Atlanta, Rodopi: 2005.
- HANSEN, Gyde. Controlling the process: Theoretical and methodological reflections on research into translation processes. In: *Triangulating translation: Perspectives in process oriented research*. Fabio Alves (ed.). Amsterdam, John Benjamins Publishing Company: 2003.
- HODGSON, Robert. Semiotics and Bible translation. *Semiotica*. 163 (1/4) 37-53. 2007.

- JAKOBSON, Roman. On linguistic aspects of translation. In: *The Translation Studies Reader*. Lawrence Venuti (ed.). London: Routledge. 113-118, 1959 (2000).
- _____. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- JEHA, Julio. Intersemiotic translation: the Peircean basis. In: *Fifth Congress of the International Association for Semiotic Studies*. Semiotics in the World: Synthesis in Diversity. v. 1. 639-642, 1997.
- LABAN, Rudolf. *O domínio do movimento*. São Paulo: Summus, 1979.
- PEIRCE, Charles. S. (EP1, 1992; EP2, 1998.). The Essential Peirce. Selected Philosophical Writings. (Vol. 1 ed. by N. Houser & C. Kloesel; Vol 2 ed. the Peirce Edition Project). Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press. EP (seguido pelo número do volume e página).
- PEIRCE, Charles.S. The Collected Papers of Charles Sanders Peirce. Electronic edition reproducing Vols. I–VI [C. Hartshorne & P. Weiss (eds.), Cambridge: Harvard University Press, 1931–1935]; Vols. VII–VIII [A. W. Burks (ed.), same publisher, 1958]. Charlottesville: Intelix Corporation. CP (seguido pelo número do volume e parágrafo), 1931–1935.
- PEIRCE, Charles. S. Annotated Catalogue the Papers of Charles S. Peirce. R.S. Robin. (ed.). Massachusetts: The University of Massachusetts Press. MS (seguido pelo número do manuscrito), 1967.
- PETRILLI, Susan. Translation and Semiosis. In: *Translation Translation*. Susan Petrilli (ed.). Amsterdam: Rodopi, 2003.
- PLAZA, Julio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- QUEIROZ, João. *Semiose segundo Peirce*. São Paulo: EDUC, 2004.
- QUEIROZ, João & AGUIAR, Daniella. (guest eds.) Translating Culture. *Applied Semiotics* 24 (9), 2010. <http://www.chass.utoronto.ca/french/as-sa/ASSA-No24/index.html>
- QUEIROZ, João & EL-HANI, Charbel. Towards a multi-level approach to the emergence of semiosis. *Technical Report DCA-FEEC 04-07*; 1-21, 2004.
- _____. Semiosis as an emergent process. *Transaction of C.S.Peirce Society* 42 (1): 78-116, 2006.
- SALTHER, Stanley. N. *Evolving Hierarchical Systems: Their Structure and Representation*. New York: Columbia University Press, 1985.
- STECCONI, Ubaldo. 1999. Peirce's semiotics for translation. In: *Fidelity and Translation: Communicating the Bible in New Media*. P.A. Soukup & R. Hodgson (eds.). WI: American Bible Society/Sheed and Ward. 249-261.
- STEINER, George. The hermeneutic motion. In: *The Translation Studies Reader*. Lawrence Venuti (ed.). London: Routledge. 186-191. 2000.
- STJERNFELT, Frederick. *Diagrammatology: An Investigation on the Borderlines of Phenomenology, Ontology and Semiotics*. New York / Heidelberg: Springer, 2007

TOROP, Peeter. 2002. Translation as translating as culture. *Sign Systems Studies* 30.2, 593-605.

_____. Methodological remarks on the study of translation and translating. *Semiotica* 163 (1/4): 347-364, 2007.

_____. Culture and Translation. *Applied Semiotics* 24 (9): 11-17, 2010.